

IECLB: Decadência por Cima — Renovação por Baixo

Werner Fuchs

À Ursula, que sofreu comigo a condenação pela Justiça Militar.

A Darci Frigo, condenado há poucos dias por ter denunciado, em nome da CPT-PR, um caso de escravidão de menores.

“Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto”. Jo 12.24

“Disse Jesus: ... aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”. Lc 7.22s

I

Lutero disse que o pregador deve “ensinar e combater”¹. Mas o pequeno Davi enfrentou o soldado gigante somente porque como camponês já fizera a experiência de que Deus socorre e salva na luta diária contra o leão e o urso (1 Sm 17.34ss). Hb 5.13s diz que a palavra da justiça é comida pesada, é para os que, “pela prática, têm suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal”.

Pode discernir o bem segundo a fé quem o experimentou e sabe que sua concretização é possível na vida e na igreja. Por isso quero deixar claro desde logo que há muita coisa preciosa para mim na IECLB: a comunhão de fé baseada na palavra de Deus, este espaço de liberdade, Lutero, pessoas dispostas a servir, solidariedade, mobilizações que visam renovar e vivência do Evangelho, enfim, tudo pelo que vale a pena persistir na luta pastoral. Contudo, justamente neste engajamento prático, e

1 — “Ein Prediger muss ein Kriegermann und ein Hirte sein. Naehren ist lehren, und das ist die schwerste Kunst. Darnach soll er auch Zaehne im Maul haben und wehren oder streiten koennen”. Colloquia, Walch 2, 22, p. 649; cf. WATr III, 3302a.

menos por discurso de idéias, é que entrei em várias situações de conflito, angústia e sofrimento dentro e fora da IECLB. Não quero me queixar disso, pois a cruz faz parte do discipulado. Mas fiz uma aprendizagem importante, que quero compartilhar: Não basta ter boa vontade e empenhar-se pelo Evangelho, pela justiça, pela valorização da vida, pelo amor. Também é preciso discernir o mal — e nisso pretendo insistir nesta noite.

A análise diacrítica do mal não comete uma redução moralista nem faz ataques a pessoas, mas enfoca os valores, os desejos de poder e as estruturas de poder na sociedade bem como no corpo social que é a IECLB, a partir da perspectiva dos marginalizados e sem poder. Ou seja, a própria prática revela o seu critério: Diante de manipulação, jogo de interesses, arbitrariedade, peleguismo, omissão e incoerência não é possível permanecer neutro. Mas nem por isso perde-se a alegria. Lutero diz: “Se queres ter alegria, inclina-te para baixo, pois não sei de nenhum outro Deus do que este que está aqui em figura humana”². Ao voltar-se para a base oprimida, a igreja torna-se evangélica³. Por isso, quanto mais fiel ao Evangelho, tanto mais política é a igreja, e tanto mais claramente ela discernirá entre lobos e ovelhas, também no seu próprio seio⁴.

Perguntar pelos fatores e processos de decadência e renovação na IECLB não nos permite ficar como observadores apenas, pois somos parte dela e isso nos atinge como pessoas e cristãos, e até afetivamente. Podemos suportar o questionamento? Ou, por outro lado, a decepção diante da ambigüidade e falsidade da instituição nos tira a objetividade para percebermos e seguirmos a dinâmica da renovação? Por exemplo, aqui na EST talvez tenhamos que reconhecer que professores e estudantes conseguem fazer teologia (empírica, criativa, litúrgica) apenas nas horas de folga, que são poucas, pois no mais somos ocupados com a burocracia, com a reprodução da estrutura e sua lógica de cooptação. Como suportar essa tensão e ainda torná-la frutífera para os que sofrem a paixão e o Calvário hoje? Creio firmemente que é possível exercer o inconformismo profético (Rm 12.2) e pressionar por transformações, por causa da fé naquele Deus que realizou sua inconformidade em Jesus⁵ e que é poderoso nos fracos (2 Co 12.9; Hb 11.33s).

2 — Apud Hermann Brandt, *Die Glut kommt von unten*. Neukirchen-Vluyn, 1981, p. 23.

3 — Cf. Hermann Brandt, *op. cit.*, p. 165: “Im Abstieg zu dieser Basis wird die Kirche evangelisch”.

4 — Cf. meu artigo “O caminho de baixo”, in: **Dossiê Constituinte II**, CEDI, São Paulo, 1987, p. 102.

5 — Adoto este conceito de Walter Altmann, “Identidade na comunhão de jornada”, in: **Est. Teol.** n° 2, ano 14 (1974), p. 9s, ampliado por H. Brandt, “Auto-Afirmação ou Inconformidade?”, in: **Tendências da Teologia no Brasil**, ASTE, São Paulo, 1977, p. 35ss.

Não parece conveniente contrapor um conceito teológico ideal de igreja à realidade atual da IECLB. Antes é preciso comparar o seu discurso e a sua prática real, descobrindo assim as contradições, as tensões e a lógica dominante. Por exemplo, o dito reformatório “eclesia sempre reformanda” — a igreja deve estar sob constante renovação — não vem acompanhado de uma clareza prática de transformação. Como esta acontece? Que setores pressionam e quais resistem? Parece antes que na IECLB se entende o dito como um reformismo, de transição lenta, segura e gradual, que acaba não trazendo mudança nenhuma, como a Constituinte. É o que parece estar acontecendo, p.ex., com a prometida reformulação do Exame Pró-Ministério.

Antecipando uma conclusão de maneira provocadora, poderia afirmar que nesta igreja a renovação está por baixo. Mas somente pode vir por baixo! Assim como caixa d’água, que para limpar precisa se abrir em baixo. O grão de trigo também quebra a casca na terra para dar vida. E Jesus torna-se tropeço para quem não olha para o chão, para a realidade do povo pobre. Ouçamos, agora, primeiro o relato de duas experiências da prática pastoral, para cuja análise convido a todos.

II

A primeira experiência foi feita por mim em Santa Helena PR, entre 1979 e 1982, quando ocorreu a mobilização dos atingidos pela Itaipu. Boa parte dos membros da paróquia era atingida pelas desapropriações. Diante do problema social agudo fui liberado parcialmente para acompanhar os colonos, e parte da infraestrutura paroquial pôde ser utilizada pelo movimento. Eu esperava que logo surgisse o conflito entre a instituição que paga para ser atendida, e meu serviço para fora, na luta social, na pastoral da terra. Mas com um atendimento precário e uma distribuição de tarefas a paróquia se contentou, ao passo que o conflito estourou primeiro em mim, por não conseguir simultaneamente consolar membros aflitos e acompanhar a liderança do movimento em negociações prementes com a poderosa Itaipu⁶. Houve membros que participaram da luta, das marchas de protesto, dos acampamentos, mas não se dispuseram a integrar a liderança do movimento, apesar de alguns serem líderes em suas comunidades e terem a mim como pastor da IECLB ao seu lado. Tampouco despertaram para um envolvimento político-comunitário posterior, p.ex., na luta sindical, como os líderes católicos. A causa disso não é

6 — Cf. meu artigo “A IECLB e a Pastoral da Terra”, in: **Revista do CEM**, São Leopoldo, ano V (1982), n° 1, p. 60-65.

um desnível cultural entre luteranos e católicos, nem um acanhamento pela etnia. Entre os líderes católicos também havia os de origem alemã. Antes, os motivos são que o modelo eclesial luterano não favorece a participação do leigo, e que os valores nele pregados se opõem a uma politização. O membro da IECLB é mais despreparado para liderar um conflito e teme mais a mudança que os católicos, que de uma forma ou outra cresceram com as CEBs e o trabalho de base. Após minha saída de Santa Helena manifestaram-se as vozes que queriam um pastor novamente só para eles e o uso do salão exclusivamente para os membros (“não para os caboclos”).

O segundo exemplo é de 1986, quando 4 pastores da IECLB tiveram que sair ou foram transferidos das paróquias por causa do seu apoio ou envolvimento com CPT, sem terras e direitos humanos. O desfecho igual, a transferência, não significa que as situações fossem idênticas. No meu caso, em Curitiba, tinha havido um acordo inicial de trabalhar 50% do tempo na CPT. A oficialização deste acordo demorou nove meses, mas 6 semanas após minha instalação pelo pastor regional o conselho paroquial exigiu minha dedicação em tempo integral. Obviamente não concordei. O conflito revelou uma série de aspectos do jogo de poder na paróquia (e também irregularidades!) que sobrepuseram a busca pela verdade evangélica e resultaram, com a colaboração do pastor regional, na minha transferência por motivos especiais. Estes motivos nunca foram nomeados, nem mesmo diante da comunidade (onde havia grupos que me apoiavam). Uma vez que minha apelação ao Conselho Diretor da IECLB de nada adiantou, restou-me escrever uma carta de protesto, que não obteve resposta. Mais tarde escrevi um extenso relatório sobre as arbitrariedades que continuavam em Curitiba, mesmo após meu desligamento. Mas àquela altura não tinha mais ilusões de que alguma medida ou resposta fosse encaminhada. O que decepciona não é o pensamento conservador de determinados líderes da comunidade, que era conhecido, mas o fato de que o seu poder é apoiado estruturalmente pela IECLB. É óbvio que o apoio mútuo convém à instituição toda (Em Lc 10.25ss o samaritano é o único que age como não lhe convém pessoalmente). Mais tarde, um colega me contou que um pastor regional sempre dava razão à paróquia, mesmo que admitisse que, no conflito, estava certo o pastor. O pastor tinha que sair, para o bem da igreja... Mas mesmo nos casos em que um regional tentou sinceramente apoiar o colega no seu testemunho ao lado do povo que sofre, este por fim também teve que deixar a paróquia, dando vitória aos defensores do status quo. Mas, parafraseando Mt 19.8, são eles que causam o divórcio e assim revelam sua dureza de coração.

III

1 — É a prática que julga o discurso. Não concordamos com o “faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”. A contradição entre apoio verbal e ineficácia real desacredita o discurso. Mas, no caso da questão social, esta contradição não é sentida como dolorosa pela maioria dos segmentos da IECLB, porque deve haver uma lógica que a minimiza.

2 — Se o discurso não chega à prática, é porque algo na IECLB possui um poder filtrante. Vejo que esse filtro é aplicado nas prioridades e temas anuais (Exceção: contribuição proporcional, porque esta espelha o sistema social ao qual estamos conformados), em propostas avançadas de contextualização do Evangelho (O ecumenismo prático está de marcha-a-ré) e até mesmo em valores tradicionais anunciados cada domingo nos púlpitos (p.ex., sacerdócio universal dos crentes, disciplina fraternal, etc.). E o filtro consegue ser eficaz porque na instituição há outras prioridades de fato, que não aparecem no discurso: autopreservação, preenchimento de vagas, lei do menor esforço, amizades.

3 — A este filtro eu chamo de estrutura. Uma estrutura é feita de pessoas com seus desejos, com mecanismos de poder e com uma base de apoio. Mas devo diferenciar entre a organização, necessária, de um grupo, e a estrutura. P.ex., um vestiário é necessário para que o time vista a camiseta e calce a chuteira, mas depois precisa entrar em campo. Estrutura é a organização cristalizada para fins alheios, é quando os jogadores querem ser zeladores do vestiário ou quando os dirigentes o transformam em sauna, ao passo que quem realmente quer jogar precisa calçar a chuteira na beira do campo e, talvez um dia, reconquiste o vestiário. Nessa conceituação, estrutura é algo negativo, é camisa de força, anti-vida, é cristalização de interesses antipopulares, de desejos de poder. A estrutura sempre machuca alguém e jamais opta pelos que ela marginaliza e oprime. Comblin pergunta: “Mas como pedir que uma instituição feita para ‘mandar’, como a instituição da paróquia e do vigário, possar ‘servir’? Só esvaziando o conteúdo da palavra servir, de tal modo que servir queira dizer simplesmente administrar uma paróquia”⁷.

4 — No pastorado surgem momentos em que se percebe o impasse entre os interesses da instituição paróquia e as necessidades humanas. No caso de Santa Helena a angústia popular era tamanha que a paróquia teve que se reciclar por certo tempo. Mas depois voltou ao que era. Não se realizou o sonho de que a partir daquela experiência outras

7 — José Comblin, **Teologia da Missão**, Vozes, Petrópolis, 2ª. ed., 1983, p. 9.

paróquias passassem a reorganizar seu trabalho segundo prioridades da luta popular. A IECLB não é apenas elite, ela tem povo, sim, colonos, migrantes, assalariados urbanos, mas ela não é uma igreja popular.

5 — Na paróquia como instância administrativa pode-se perceber com toda a clareza a lógica da estrutura, que me parece ser idêntica nas demais instâncias. Pelo aparato de regulamentos parece que nela o pastor é a autoridade máxima. Parece mas não é. Na verdade ele é funcionário, empregado. E o melhor serviço que o servidor eclesiástico presta à estrutura é monopolizar ministérios, deixando o povo na passividade. Por querer “servir”, o pastor em geral se acostuma a decidir sozinho, a acumular funções. Contudo, a base de poder está em outro lugar. Ela aparece quando o pastor age (o falar ainda é tolerado) contra os interesses dominantes. Então ele é afastado, como mostra o exemplo de Curitiba. A base de poder talvez até fique camuflada, somando diversas conveniências, interesses e ingenuidades. Mas a árvore se conhece pelos frutos (Mt 7.15-20).

6 — É possível afirmar que uma estrutura rica em recursos e com argumentação sólida é decadente? Na conceituação de Jesus, sim. Porque, como a bolsa de couro velha resseca e se rompe com o vinho novo (Lc 5.37s), assim a estrutura, ao se fortalecer e autopreservar, torna-se obsoleta e vazia, sem vida e sem respostas para os problemas reais das pessoas. Portanto, estou aplicando à estrutura eclesial um conceito espiritual de decadência⁸: Vinho novo em odres novos, pessoas renovadas em organização nova. Aqui caberiam outros princípios bíblicos para a organização fraterna na igreja, como o “Não é assim entre vós” (Mt 20.25) ou o ministério da reta pregação como preparação da comunidade peregrina para o sofrimento (At 14.22).

7 — IECLB decadente é aquela estrutura que se conformou socialmente. Não é difícil identificar a que segmento social pertence a maioria dos dirigentes paroquiais e delegados conciliares. A enquete que realizei no Concílio Geral de 1982, cujos resultados foram publicados pelo CEM⁹, revelou que 55% dos conciliares eram tradicionais e conservadores (Eram também os maiores proprietários ou os melhor pagos), 40% se mostravam conscientes e críticos, mas apenas 5%, um grupo formado por alguns pastores, expressavam que luta por transformação era decor-

8 — Apesar de bíblico e escatológico, este conceito também se aplica à realidade sociopolítica. Paradoxalmente, o regime do Apartheid, quanto mais inflexível, mais perto está do seu fim! O capitalismo, pela sua mutabilidade, não está sendo decadente.

9 — **Terra de Deus — Terra para todos**, Perfil de um Concílio, CEM, São Leopoldo, sem ano. Dados da Tabela I, p. 2.

rência de sua fé evangélico-luterana. Mesmo que os conciliares sejam pessoas humildes, raramente deixam de entrar no esquema. Às vezes cedem a contragosto (mas isso faz parte do sistema), por não verem como organizar uma alternativa de poder (p.ex., chapa de oposição) e por não terem espiritualidade de resistência em meio ao conflito. A conformidade social da igreja é fruto de uma ingenuidade, como diz Paulo Freire¹⁰, de querer mudar primeiro a consciência do homem para depois transformar o mundo, como se isso fosse possível. Os "astutos", membros da classe dominante, aproveitam-se dessa ingenuidade, tolerando às vezes até o discurso libertador quando este não inaugura ações imediatas de mudança. Assim, o próprio discurso se torna contraditório e inócuo, como p.ex., esta palestra, se não for acompanhada de conseqüências. Aliás, a EST colabora com esta ingenuidade na medida em que ela estimula um discurso libertador, vanguardista, sem pressionar para uma prática condizente...

8 — Uma das conseqüências do conformismo com a estratificação social vigente é que o conflito de classes perpassa também a IECLB. Produzem nela reações sensíveis os movimentos populares, as lutas por dignidade de vida, por cidadania, contra violência, etc., que são muitas vezes orientadas por pastorais alternativas ou grupos paraeclesiais ecumênicos. O membro cujos privilégios estão sendo atacados, faz uso da mesma pressão dentro da igreja que costuma usar nos conflitos da sociedade. Os movimentos populares, por sua vez, pedem ajuda, apoio político, solidariedade, apelando para sentimentos de dignidade humana e justiça.

9 — É justamente esta pressão de baixo que faz com que a igreja saia do imobilismo. Diante da tensão entre status quo ameaçado e justas necessidades dos que estão por baixo, a IECLB tenta encontrar o caminho de fidelidade ao Evangelho. Mas as respostas são dadas diferentemente. Na direção, a palavra vem um pouco tardiamente, mas é progressista, i.é, favorável aos que lutam e sofrem. A análise da realidade ainda se situa dentro de uma visão liberal e social-democrata (Ulysses e Brizola) e não socialista (Lula). Por isso, às vezes recua diante da opção radical e fecha com o grupo de poder maior (p.ex., no caso de Curitiba). As lideranças locais, via de regra, reagem segundo os interesses de classe. Diante da opção entre propriedade privada e vida do próximo, escolhem a primeira (Ocupações de terra jamais!). O povo evangélico em geral está desinformado, e o pastor, absorvido pela rotina, raramente se mobili-

10 — Apud Dario Schaeffer, *Desafios, Cadernos do Povo*, Chapecó, 1979, p. 18.

za quando a “sua” paróquia não está sendo atingida (Exceção: minha condenação na Justiça Militar, que provocou solidariedade de muitos pastores e distritos). Membros ameaçados pelo declínio social, ou pessoas sensibilizadas, tomam inicialmente uma distância crítica da igreja e às vezes encontram espaço de atuação fora da IECLB. Quando permanecem dentro, têm dificuldade de expor sua visão e em breve se acomodam por não encontrarem um grupo de ressonância.

10 — É inevitável o conflito de classes na igreja? Não seria ela, por causa do Evangelho, o único lugar em que a opressão de muitos por alguns pode ser vencida? Se assim perguntamos, entendemos igreja como a arca, em que entram todos os bichos, inclusive lobos que estraçalham ovelhas? É possível os lobos se tornarem vegetarianos? Paulo Freire afirma: “A história está cheia de pessoas que saem da classe dominante e fazem a Páscoa. Quer dizer: morrem enquanto dominantes e ressuscitam enquanto lutadores pela libertação... Marx foi isso também. Agora, como grupo social, como classe social, maciçamente, a história não conhece ainda nenhuma conversão coletiva, entende? Porque um grupo de dominantes no momento em que perde o poder de dominar, ele se sente oprimido”¹¹. E continua: “... o diálogo não se pode dar entre antagônicos. Esta é uma afirmação muito radical. Diálogo só dá, na verdade, entre iguais e diferentes, não entre antagônicos. Entre antagônicos se fazem pactos”¹². Pacto não é conformismo, e sim conquista de espaço para avançar na transformação social. Espaço que não é cedido espontaneamente, nem mesmo na IECLB¹³, e cuja tendência é de se fechar, como nos casos dos pastores transferidos. Outros exemplos: O trabalho em Alvorada já tem mais de 15 anos, e não consta que a burguesia da comunidade de Porto Alegre tenha se transformado a partir dele e o apoie. Projetos de pastorais libertadoras na IECLB precisam de verbas de longe, do exterior. Outra prova do antagonismo é também a tendência de isolar ou excluir quem incomoda e não se deixa cooptar. Após o desfecho de Curitiba, pensamos em sair do pastorado, ou até da IECLB. Mas disse à Ursula que era justamente isso o que a estrutura decadente queria. Por isso ficamos.

11 — A dinâmica de mudança social se dá pelos que não se alinham com a lógica dominante e que criam grupos de ação por baixo, subversiva, de fora para dentro, solapando a base de poder. É sem dúvida uma luta política, mas na igreja ela se dá com outras premissas. E isso

11 — Paulo Freire, **Educação Popular**, 2ª ed., 1985, Lins-SP, p. 9s.

12 — idem, **op. cit.**, p. 16.

13 — cf. Walter Altmann, **op. cit.**, p. 13-15.

está acontecendo. Penso principalmente nos que sofrem, mas não desanimam, com a frieza, podridão e decadência da igreja que os marginaliza. P.ex., o grupo de jovens taxado de evangelical, que continua suando a camisa dentro e fora da comunidade. O militante do PT que propõe socialismo e por isso não tem mais ambiente no culto luterano. O agricultor que quer fundar um sindicato e o operário que conscientiza para a greve, e não encontram espaço para compartilhar e aprofundar espiritualmente sua experiência. Aquelas mulheres de OASE, cuja marginalização do poder é belamente camuflada, e que não obstante se dispõem ao sacrifício, mesmo em favor de outros oprimidos. A lista pode tornar-se muito longa e rica, com exemplos do âmbito da IECLB e dos movimentos populares. Os sem poder se encontram ecumenicamente, na fragilidade de suas organizações, e compartilham a riqueza de fé e amor vivenciados. O povo humilde, consciente e organizado, sabe que o principal é Deus quem faz. Ele socorre na luta diária contra o leão e o urso. Assim, torna-se fermento, até para a IECLB. Quando o povo sai de baixo da opressão, esta cai um pouco. De forma desigual mede forças com os poderosos e seus servidores ingênuos, que se descobrem vazios e desgastados. Mas que sorte terão os mansos, os sem terra e sem poder, porque herdarão esta terra (Mt 5.5)!

IV

Tristão de Ataíde observou que "Nada se parece mais com uma casa em construção que uma casa em demolição". Se fotografarmos o momento, lhe daremos razão. Mas se filmarmos o processo todo, veremos que a construção da casa nova cresce de baixo para cima, enquanto a demolição vem de cima para baixo. O videotape da decadência pode ser assistido todo, sempre de novo, mas o filme da renovação apenas em pedacinhos. Isto porque a renovação da IECLB por baixo não se demonstra nem se produz por palavras. Pois sugestões já houve muitas (ética mais radical, rotatividade nos cargos, abolir abonos, dar 10% das finanças para a luta popular). Seria ilusão continuar esta lista, porque a justiça, cujo clamor está na ordem do dia, é exercitada pela prática (Hb 5.14). Afirmo apenas que a renovação vem vindo por baixo. É preciso encontrá-la na ação histórica (cf. Mt 16.25), na desinstalação para baixo, no caminho poeirento do amor-sacrifício (1 Co 13) junto aos mais humildes. A IECLB precisa arriscar-se por inconformidade, para recebê-la, no seguimento de Jesus, por graça.